

RUBEM BRAGA

Três brasileiros extraviados no México

DEVE haver mais de três, porque brasileiro deu para se extraviar muito por êste mundo, mas os que encontrei pessoalmente foram êstes:

Wilson (Baru) Viana — É um bonitão que frequentava o Clube da Chave e acho que também o Clube de Cinema quando era em cima do Vogue. Tem jeito de gaúcho sem ser, parece que andou funcionando na Polícia Especial, mas garanto que é bom rapaz.

Aqui no Rio, andou trabalhando em cinema. Por exemplo, em "Matar ou Correr", com Oscarito e Julie Bardot, êle fazia papel de mexicano. Tomou gôsto, e foi para o México. Lá, numa roda, disse que ia fazer cinema. Um diplomata brasileiro que ouviu a conversa deu, de modo um tanto brusco, um aviso: a embaixada não tinha verba nenhuma para encostar brasileiro fracassado. Wilson respondeu, com brio, que o diplomata ficasse sossegado, êle jamais iria incomodá-lo.

E a seguir meteu os peitos e agüentou a mão. Se passou fome ou não — não se sabe. Não se queixou nem "esfaqueou" ninguém. Também não está milionário nem atingiu a glória. Mas tem seu apartamentinho, seu carro bastante razoável, e já fêz seis filmes, dois dos quais no papel de Tarzan. Como Tarzan é marca registrada, a emprêsa americana reclamou, e êle então teve de ser Baru, que ficou sendo o nome do Tarzan mexicano. Isso em technicolor. A Columbia distribuirá em breve nesta praça as proezas do nosso Baru.

Maurício (Bicicleta) Bianchini — Vendia artigos esportivos na "Casa Às de Espadas", de Curitiba, e tinha uma espingarda. Trocou a espingarda por uma bicicleta e no dia 2 de fevereiro de 1958 saiu com dois companheiros para percorrer as Américas ao som do pedal. Rumou para o Sul, atravessou a fronteira em Jaguarão, foi a Montevideú, chegou à Argentina. Os dois companheiros desistiram, êle continuou.

Atravessou a Cordilheira dos Andes a pé, carre-

gando a sua bicicleta; pedalou através de Chile, Peru, Equador, Colômbia, Panamá, Costa Rica, Nicarágua, Honduras, Salvador, Guatemala e chegou à Capital do México em setembro de 1959.

Tocou para a frente, mas na fronteira dos Estados Unidos foi barrado: havia uma dúvida qualquer em seus documentos. Ficou dez dias prêso numa cidadezinha da fronteira, porque seu prazo de permanência no México estava esgotado. A imprensa local fêz polêmica em tôrno do Bianchini: um partido queria expulsar o "aventureiro" para o Brasil, outro dava todo o apoio ao "ilustre desportista". Não se queixa da "cana", disse que o pessoal lá era muito camarada. De resto acha os povos em geral muito camaradas: é um otimista e um homem de boa-vontade. Encontrei-o em nossa embaixada do México, onde todos o estimam, e estão se esforçando para conseguir sua entrada nos Estados Unidos — porque Bianchini faz questão de chegar até Washington: "é muito chato a gente dizer que vai fazer uma coisa e não fazer, e gosto de acabar tudo o que começo".

Florisval de Araújo VIDREIRAS — Êste, meu Deus do Céu, é do Piauí, o que pode acontecer com pessoas das melhores famílias, como o Carlos Castelo Branco por exemplo, mas sempre é algo raro. Andou pela Record e pela Tupi de São Paulo (como vai o Demerval Costalima?) fazendo imitações de instrumentos com a garganta. Também toca o seu violão e conta piadas. Nessa conversa êle andou pela África, Austrália, Índia, Japão, Havaí, Califórnia e outras regiões, e ia estrear no Teatro Íris, do México, a 4 de dezembro.

- Estou com uma saudade do Brasil danada.
- Por que você não volta, Vidreiras?
- Volto sim. Mas primeiro quero dar um giro por aí...

E fêz um gesto vago abrangendo, segundo me pareceu, Portugal, a Estônia, a Manchúria e a outra face da Lua.